

BARTOLOMÉ MITRE E AS RELAÇÕES COM O IMPÉRIO BRASILEIRO ENTRE AS DÉCADAS DE 1870 E 1880

ANA PAULA BARCELOS RIBEIRO DA SILVA*

Neste trabalho apresentamos algumas reflexões resultantes de um projeto de pesquisa em andamento intitulado “Escrita da história, unidade e integração entre as décadas de 1870 e 1940: Brasil e Argentina – Da Missão Mitre a Segunda Guerra”. Nele investigamos o pensamento e a atuação política e diplomática do general, historiador e ex-presidente argentino Bartolomé Mitre (1821-1906), entendendo-o como peça importante no apaziguamento das relações entre Brasil e Argentina após a Guerra do Paraguai e defensor de uma política de aproximação estratégica com o país vizinho. Constante referência para os historiadores que defenderam a integração regional, partindo destes países, na primeira metade do século XX, muitos dos seus argumentos foram, então, apropriados, servindo como bases para projetos integracionistas financiados pelos governos e por instituições históricas². Buscamos entender o porquê desta apropriação das ideias de Mitre. Para isto, recorreremos ao final do século XIX, em especial às últimas décadas do Império brasileiro, período em que Mitre mantinha intenso contato com seus políticos, diplomatas e intelectuais. Acreditamos que aqui esteja uma chave de compreensão para sua presença em textos e discursos que, tempos depois, foram proferidos por sujeitos históricos com atuações semelhantes na defesa de uma revisão historiográfica de caráter americanista.

No momento, vimos conferindo destaque especial à missão Mitre no Brasil, em 1872, por seu significado em sua trajetória, pelo contato promovido com brasileiros e pelos frutos gerados para as diplomacias brasileira e argentina nas décadas posteriores, apesar do insucesso dos acordos naquela conjuntura imediata. No contexto que envolve a missão, Mitre fortaleceu as trocas de ideias com políticos e intelectuais brasileiros por meio de viagens ao país e de correspondências nas quais eram abordadas as relações entre Brasil e Argentina. Não obstante,

* Doutora em História Social pela UFF. Professora Adjunta de História do Brasil do Departamento de Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em História Social da UERJ/FFP. O projeto de pesquisa no qual se insere este trabalho conta com o auxílio de bolsista de IC pelo CNPq/UERJ e com apoio financeiro do PROCiência/UERJ.

² Este foi o tema da tese de doutorado defendida no PPGH-UFF em 2011. Dela originou-se o livro: BARCELOS, Ana Paula. *Diálogos sobre a escrita da história: Brasil e Argentina (1910-1940)*. Brasília: FUNAG, 2011. A atual pesquisa retoma questões fundamentais surgidas à época, mas que não puderam ser desenvolvidas nos limites e recortes do doutorado.

a questão principal tratada neste texto não se limita a ela – embora apareça quando oportuno. Em consulta ao jornal *La Nación*, fundado por Mitre em 1870 (e, portanto, uma das mais importantes fontes sobre as quais nos debruçamos atualmente), encontramos artigos sintomáticos do seu olhar sobre o Brasil. Neles aparecem a monarquia, as leis abolicionistas, o Imperador e importantes personalidades, como o Visconde do Rio Branco – com quem Mitre dialogou e manteve considerável correspondência entre as décadas de 1860 e 1870³.

As ideias presentes no *La Nación* nos inspiram a mapear os aspectos e argumentos instrumentalizados por Mitre na caracterização do Brasil. Neste sentido, pensamos como ele reverbera na Argentina a visão de uma monarquia e um Imperador democráticos, de país livre e pacífico. Isto num contexto de desconfianças mútuas, de acirramento das tensões e de embate na imprensa em torno de questões territoriais e diplomáticas. No jornal e em alguns dos seus discursos fora dele (dos quais citamos um neste breve trabalho), encontramos a imagem de Dom Pedro II como culto e adepto dos princípios liberais e a de um regime monárquico capaz de construir uma nação nas Américas, garantindo unidade e evitando anarquia e revoluções violentas. Imagem deliberadamente construída pelo Império, interna e externamente, e na qual investiu o IHGB. Mitre se tornou sócio honorário do Instituto em 1871, quando esteve no Rio de Janeiro, e manteve constantes diálogos com seus membros desde então. Defendeu, deste modo, uma mudança mútua de olhar entre Brasil e Argentina e a necessidade de relações cordiais em nome da paz na região e, estrategicamente, como forma de proteção do seu país diante do Império. Todos estes pontos foram abordados por intelectuais que o homenagearam nos 50 anos de sua morte, em 1956, na Academia Nacional de História Argentina, fundada por ele, como Junta de História e Numismática Americana, em 1893. Estas falas também compõem a análise auxiliando-nos a compreender e contextualizar os artigos do *La Nación*, bem como a pensar a repercussão do seu pensamento muitas décadas depois.

Antes de caminhar para a análise das fontes, cabe lembrar que o contexto histórico era de conflitos políticos e diplomáticos entre Brasil e Argentina. A partir de 1870, com o fim da Guerra do Paraguai, os países se encontravam em meio a negociações que versavam especialmente sobre a divisão e os limites do Paraguai. Diplomatas brasileiros, como o

³ As correspondências podem ser encontradas publicadas nos *Cadernos do CHDD* (Brasília: FUNAG, 2005, p. 159-194) e já foram por nós analisadas em outra ocasião. Cabe aqui dizer que na publicação, em nota do editor, o embaixador Alvaro da Costa Franco, é destacado o papel de Mitre para o diálogo e a política de cooperação na região.

Visconde do Rio Branco, estiveram na Argentina especialmente para tratar do tema. Os argentinos também aqui estiveram na defesa da manutenção do Tratado de Aliança, assinado em 1865. Em 9 de janeiro de 1872, foi fechado o tratado Cotegipe-Lóizaga, resultante de uma série de protocolos assinados entre os governos brasileiro e paraguaio após o fim da guerra, no qual o Império ficava com a terceira parte do Paraguai. Em acordo direto com o Paraguai, Cotegipe promete ajuda ao país nas questões pendentes com a Argentina. O governo e a imprensa argentinos reagem de forma bastante negativa, atacando o Brasil e incitando uma política de guerra. Mitre, no *La Nación*, também fez oposição ao Império, mas procurou poupar a figura do Visconde do Rio Branco, com quem, como dissemos, mantinha constantes diálogos. Uma série de notas foram trocadas entre os governos, até que a de 27 de abril de 1872, assinada pelo ministro das Relações Exteriores da Argentina, Carlos Tejedor, acirrou os ânimos ao reprovar com firmeza as ações do Império, acusá-lo de ferir o Tratado de Aliança e reivindicar a revisão dos limites no Paraguai. Apesar das autoridades brasileiras naquele momento estarem prevenidas contra Mitre, ele foi considerado por Domingo Sarmiento, o então presidente e seu rival, como o nome mais indicado para acertar as questões pendentes com o Império em razão, segundo Fernando Arturo Bidabehere, de “*su prestigio personal, sus amistades en el Brasil y su acendrado patriotismo*” (BIDABEHERE, 1967: 85). Além disto, Mitre já havia estado no Rio de Janeiro em 1871, quando teve boa acolhida – encontrou políticos e intelectuais, realizou pesquisas e foi designado membro honorário do IHGB em razão do seu reconhecimento como historiador. Assim, em junho de 1872, o general e ex-presidente foi designado como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em missão especial ao Rio de Janeiro⁴. Segundo Miguel De Marco (2004), o enviado deveria alcançar, entre outros objetivos, o reconhecimento do Tratado de Aliança pelo governo brasileiro e a desocupação do território paraguaio por forças aliadas.

Francisco Doratioto afirma que após a guerra “a política do governo imperial, sob o controle do Partido Conservador, foi a de reafirmar a existência do Paraguai como Estado independente e, ao mesmo tempo, evitar que a Argentina se apossasse de todo o Chaco, como lhe fora facultado pelo Tratado da Tríplice Aliança” (DORATIOTO, 2002: 481). Do lado argentino, Sarmiento temia a política expansionista do Império e passou a defender que “a

⁴ A missão Mitre resultou em uma farta documentação diplomática que vem sendo compulsada no projeto de pesquisa em andamento. Esta documentação se encontra depositada no *Archivo General de la Cancillería Argentina*, em Buenos Aires.

vitória militar não concedia aos vencedores direitos sobre o vencido quanto à definição de fronteiras” (DORATIOTO, 2002: 481). O Império se empenhava em evitar o domínio argentino sobre o Chaco e assinou o tratado de janeiro de 1872, aliando-se ao vencido e ferindo os interesses da Argentina. Para Doratioto, o fato desta se encontrar em desvantagem militar e política a leva ao uso da diplomacia a fim de garantir o Tratado de Aliança. Segundo ele, este teria sido “o sentido da missão de Bartolomé Mitre, representando o governo Sarmiento, à capital brasileira, em 1872” (DORATIOTO, 2002: 482). A missão, no entanto, para Doratioto, foi infrutífera, pois no ano seguinte, ao se dirigir a Assunção, o negociante imperial, barão de Araguaia, não o apoiou. Assim, a diplomacia buscou um acordo de limites e paz com o Paraguai sem a participação do Império, o que deu origem ao Tratado Sosa-Tejedor que, por pressão brasileira, acabou não ratificado pelo Paraguai. As duas repúblicas apenas fecharam acordo em 1876, quando a hegemonia brasileira no Prata se encontrava enfraquecida. Ainda assim, o resultado foi satisfatório para o Brasil, pois a independência do Paraguai foi ratificada e a Argentina não se apossou do Chaco. A definição da fronteira entre Argentina e Paraguai veio efetivamente em 1878 com a interferência dos Estados Unidos em favor do Paraguai.

Ao longo da década de 1880 e até o final do Império, as relações seguem oscilantes e as históricas rivalidades e desconfianças mútuas são mantidas. A política diplomática republicana, sobretudo sob a liderança do Barão do Rio Branco, a partir de 1902, investirá na aproximação, sendo nesta conjuntura que se inserem os projetos integracionistas aos quais já nos referimos e que serão retomados ao final deste texto. Portanto, é em meio a este contexto de conflitos que Mitre fala em prol do apaziguamento das relações com o Brasil, mesmo quando ele se opunha à política do Império em defesa, evidentemente, dos interesses argentinos. Lembramos ainda que, internamente, o contexto entre os anos 1850 e 1880 na Argentina é marcado pelo que Tulio Donghi denomina “*treinta años de discordias*” (DONGHI, 2005: 75), quando duas forças políticas principais rivalizaram: os liberais e os federais. Nesta conjuntura, Mitre arquitetou o chamado “consenso liberal”, como afirma Hilda Sabato (2009: 14), em busca da ruptura com o passado rosista. Foi fundado ainda o *Partido de la Libertad*, sob sua liderança, que tinha como objetivo tornar a província de Buenos Aires a representação da unidade e do que consideravam como causas legítimas: a civilização e o progresso. Havia um “*horizonte de unión nacional, en el cual los liberales porteños se reservaban el liderazgo*” (SÁBATO, 2009: 15).

Este projeto tinha na imprensa um instrumento chave de ação política, criando e moldando identidades coletivas. Para Sábato, Mitre foi a figura mais emblemática deste processo – não por acaso fundou o *La Nación* em 1870. No confronto com os federais, ao longo da década de 1860, os liberais avançaram por quase todo o território argentino, construindo uma trama que rendeu apoio a Mitre quando da entrada na guerra. Lembrando que, com o desgaste no conflito, este apoio foi perdido e tiveram seu poder abalado pelo surgimento de novas forças políticas provinciais. Para Donghi, em 1862, Mitre se tornou o primeiro presidente da nação unificada, enfrentando uma discussão mais específica sobre o tema numa sociedade que temia a divisão política. Além disso, no que se refere ao seu papel como historiador, Mitre atuou diretamente na construção de uma história da Argentina que era pela primeira vez a história de uma nação, elevando-a “*a protagonista única del proceso histórico*” (DONGHI, 1996: 57).

A compreensão deste contexto histórico interna e externamente abalado por muitos conflitos que tornavam a divisão e a guerra uma realidade constante, é, em nossa opinião, fundamental para a interpretação do olhar de Mitre sobre o Brasil. Em seu país, Mitre buscou a construção de unidade e de um ideal nacional – o fez através da guerra, da política e da história. O Império brasileiro forjava uma imagem de conciliação e unidade internas através da ação pacífica da monarquia. Em carta ao Visconde do Rio Branco datada de 1875, aqui citada apenas para fins de ilustração do argumento, Mitre elogia a atuação daquele a quem se refere como “*amigo*” ao impedir “*el mal y la verguenza de las revoluciones violentas*” no Brasil. Diz que ele mesmo foi revolucionário na Argentina no sentido de “*fundar cosas durables*”, garantindo “*la unidad nacional por primera vez*” e criando meios “*para que ellas [as revoluções] no tuviesen razon de ser*”. Para ele, o que vale é a “*revolucion pacifica que se opera por el trabajo lento de todos los días*” (MITRE, 1875). Apresenta aqui uma concepção de revolução conservadora recorrente no Brasil ao longo do século XIX. Ao mesmo tempo, demonstra admiração pelas supostas características pacíficas do Império e se diz representante das mesmas ideias na Argentina, exaltando sua própria atuação.

Este é o tom de boa parte dos artigos sobre o Império encontrados no *La Nación*, com exceção, claro, daqueles produzidos em momentos de conflitos intensos nos quais interesses nacionais são defendidos, como a assinatura do Tratado Cotegipe-Lóizaga em janeiro de 1872. De um modo geral, nos anos até agora analisados, a monarquia aparece de forma positiva e

como uma parceria importante a ser conquistada. Os artigos, em sua maioria, não possuem assinatura. Portanto, não podemos apontar a autoria de Mitre. Mas, fundado por ele, o jornal, evidentemente, expressa suas ideias e reivindicações em um contexto no qual a imprensa se torna, cada vez mais, palco das disputas políticas. Nas décadas de 1870 e 1880, nosso recorte, o Brasil aparece com frequência no diário, ganhando destaque em extensas reportagens de primeira página e em colunas como a “*Prensa Brasileira*”. No dia 24 de novembro de 1871, encontramos um texto enviado pelos correspondentes do jornal no Rio de Janeiro que trata da chegada de Mitre à cidade e refere-se elogiosamente ao Imperador e sua esposa, então em viagem pela Europa. Vejamos alguns trechos do artigo:

No son solo los periódicos ingleses, belgas, españoles y portugueses los que hacen encomios merecidos á los vastos conocimientos del emperador y á la amabilidad y fino trato de los monarcas del Brasil; los alemanes forman tambien coro con ellos, y se admiran de la actividad del príncipe y de la extensión de sus conocimientos. Tenemos motivos para decir que el viaje del Emperador à Europa ha de producir ventajas muy notables para este país, en particular, y para la América, en general. Hay entre nosotros americanos una fraternidad tan laudable que nos identifica en nuestras glorias y reveses. Debemos fomentar por todos los medios imaginables esa fraternidad; pues los estraños han de concebir una idea elevada de nuestro carácter e instituciones. La libertad ha echado en el continente de Colon raíces tan hondas que imperio y republicas se hermanan y sostienen mutuamente como hijos de una misma madre (LA NACIÓN, 1871).

Aqui a admiração pelo Imperador está bastante evidente. Dom Pedro II aparece como possuidor de vastos conhecimentos, amável e educado, representando bem o Brasil – e, por extensão, a América – na Europa. Além disto, encontramos a forte defesa da aproximação entre os países em razão de uma fraternidade que uniria a região. Esta fraternidade seria fruto da liberdade, segundo o texto, tão profunda que irmana Império e Repúblicas, como “filhos de uma mesma mãe”. O sentido político e diplomático destas palavras é notório, se considerarmos o contexto histórico de acordos e tensões pós-guerra ao qual já nos referimos. Ademais, se pensamos em sentido mais amplo, o posicionamento do *La Nación* sobre o Império desafia as rivalidades e desconfianças que marcaram as relações entre Brasil e Argentina desde as independências no início do século.

Lembramos do que diz Ricardo Salles a respeito da política externa imperial na região. Segundo ele, entre 1852 e 1870, a política externa brasileira no Prata possuiu caráter afirmativo, pois, após o período de consolidação desde a independência, o Império buscou estabelecer seu domínio e garantir hegemonia externa. O marco inicial deste processo seria a intervenção militar contra o presidente argentino Juan Manuel de Rosas (de quem Mitre era ferrenho

opositor) que, em 1852, se uniu a Manuel Oribe, presidente do Uruguai, na tentativa de fundar um país único. O Império brasileiro interferiu diretamente na ação derrubando os planos de Rosas e Oribe. A vitória na Guerra do Paraguai, como lembra Salles, “tratada pelo Estado imperial como uma questão nacional” (SALLES, 2013:63), teria sido, por sua vez, o marco final neste projeto hegemônico. Mitre, diante desta hegemonia, buscava impedir conflitos diretos com o Império. Daí combater em seu jornal as falas mais exaltadas de muitos periódicos, políticos e diplomatas argentinos sobre o Brasil. Neste momento do governo Sarmiento, os ânimos também se encontravam mais acirrados e Mitre se opunha a ele, não apenas neste tema, mas em muitos outros.

Mais à frente no mesmo artigo, os correspondentes se referem ao Brasil como um país em “*periodo de puberdade creadora*” no qual diariamente são inauguradas estradas de ferro, linhas telegráficas, diques, escolas e “*otras mejoras materiales en apariencia y morales en el fondo*” (LA NACIÓN, 1871). Elogia ainda as consequências da Lei do Ventre Livre, assinada naquele ano, que geraria a cada dia mais libertos, não arrefecendo após o entusiasmo inicial. Exalta também a tranquilidade, a paz e a ordem que reinariam no Brasil, pois assim seria quando prevalece o nacional:

*(...) en medio de todo esto la tranquilidad es inalterable, la paz reina en todas partes y el orden se mantiene en toda la estension de este vasto imperio.
Así sucede, cuando la idea es nacional.
El Brasil vá despacio, mas camina seguro* (LA NACIÓN, 1871).

O ideal nacional serviria de exemplo para se alcançar a unidade e a ordem que Mitre almejava para a Argentina.

Os correspondentes do jornal no Brasil, na mesma edição, tratam ainda da chegada de Mitre ao país. Mais uma vez, aparece a imagem de países irmãos:

La República Argentina tiene tantos motivos para juzgarse hermana del Brasil, que no debe parecerle extraño que los brasileños manifiesten á uno de los mas distinguidos argentinos el afecto de sincero júbilo que experimentan, teniendo en su seno al ilustrado y notable general D. Bartolomé Mitre (...) (LA NACIÓN, 1871).

Adiante retomam a ideia de liberdade que seria característica da monarquia brasileira:

*Una de las cosas que mas encantan los pensadores, que visitan estas playas, es la libertad omnimoda de pensamiento de que goza todo ciudadano ó extranjero residente en el suelo.
Podeis pensar como republica, podeis tener ideas absolutistas, podeis escribir como judío y hablar como protestante, ó discurrir como ultramontano, nadie os dirá una palabra, nadie os censurará, nadie os increpará (...); sereis oído, respetado en vuestras creencias (...). De lo que podeis estar cierto es de que la mayoría de la nacion es sensata y que solo le inclinará á lo que fuese sensato y mejor* (LA NACIÓN, 1871).

No trecho, são destacadas as liberdades religiosa e de pensamento como principais características do Império, apesar deste ser, como sabemos, um Estado confessional católico.

Lembramos que a definição da monarquia como democrática, em diferentes sentidos, e garantidora da unidade nacional foi elaborada e defendida pelos historiadores do IHGB ao longo de todo o século XIX no processo de escrita da história da nação que então surgia e se consolidava. Manoel Salgado Guimarães destaca que a “fisionomia esboçada para a Nação brasileira e que a historiografia do IHGB cuidará de reforçar visa a produzir uma homogeneização da visão de Brasil no interior das elites brasileiras” (GUIMARÃES, 1988: 6). Isto levará, inclusive, ao investimento nas províncias em vista do alcance de unidade e da centralização política no Rio de Janeiro. A “tranquilidade inalterável”, a paz, a ordem e a liberdade descritas pelo *La Nación* seriam um sintoma dos efeitos que esta construção teve na imagem do Brasil para o exterior. Afinal, ainda segundo Salgado, “articulada ao projeto de construção da nação, a escrita da história nacional tem assim os seus destinatários, não apenas no plano interno, como também no externo” (GUIMARÃES, 1988: 13). Wilma Peres Costa lembra que esta interpretação de nação terá em Varnhagen um dos seus principais construtores, defendendo as continuidades entre colônia e Império e, assim, a “obra civilizadora da monarquia portuguesa e seu papel na construção da nação” (COSTA, 2005: 58). Aspecto que será combatido pelos republicanos que, já ao final do século, entendiam o passado como um fardo com o qual se deveria romper.

Acreditamos que, neste caso, seja oportuno falar da leitura de história do Brasil desenvolvida no século XIX pelo IHGB, assim como do seu papel no processo de construção da nação. Isto porque, não esqueçamos, Mitre foi um dos seus membros – sócio honorário a partir de 1871⁵, como já dissemos –, tendo visitado o Instituto logo em seguida a sua nomeação. Era parceiro intelectual do Visconde do Rio Branco, mas também de vários dos seus membros. Sua indicação, na ocasião, foi assinada por Candido Mendes de Almeida, Olegario Herculano de Aquino e Castro, Francisco Baltazar da Silveira, Joaquim Antonio Pinto Junior, J. C. Fernandes Pinheiro e pelo próprio Rio Branco. Segundo o ministro José Carlos de Macedo Soares⁶, em homenagem a Mitre na Academia Nacional de História Argentina no cinquentenário de sua morte, Mitre teria agradecido pessoalmente a indicação dizendo-se

⁵ Mitre passa a sócio efetivo do IHGB em 1889, logo após a proclamação da República.

⁶ Macedo Soares foi ministro das Relações Exteriores entre 1934 e 1937.

colega de muitos sócios e discípulo de outros tantos. Teria também se referido ao IHGB como “*la asociación científica que más alto se había elevado en Sud-América*” (SOARES, 1957: 59), apresentando experiência e autoridade para estudar o passado. Como vemos, em um diálogo constante com a instituição, na qual se inspirou, inclusive, para a fundação de diferentes instituições históricas pela América do Sul, como a própria Junta de História e Numismática Americana⁷, Mitre provavelmente reverberava na Argentina sua leitura de Brasil, da monarquia e dos Bragança. Assim, as palavras do *La Nación*, ainda que não tenham sido escritas por ele, provavelmente são o eco desta visão apropriada e divulgada por Mitre a partir do contato com o IHGB. Para complementar nosso argumento, citamos Pedro Calmon, na mesma ocasião em que falou Macedo Soares em Buenos Aires. Quando o Imperador foi destituído do trono em 1889, Mitre teria dito que “*fuera derrocada una democracia coronada*” (CALMON, 1957: 66). Palavras que ele também teria dirigido pessoalmente ao Imperador em 1872: “*Sois, Señor, una democracia coronada*” (MITRE Apud CALMON, 1957: 66).

O bom relacionamento de Mitre com o Brasil é destacado em diferentes momentos no *La Nación*. Por esta razão, ele chegou a ser acusado de traidor por seus rivais políticos na candidatura à presidência em 1873. O jornal reproduz a ideia de que o Império seria um vizinho de paz com quem Mitre havia negociado em vista da preservação de relações cordiais. Na edição de 26 de julho de 1873, referindo-se à missão diplomática de 1872, o jornal relata que graças à habilidade de Mitre e à boa vontade do governo brasileiro, “*las relaciones de la República Argentina con el Imperio de Brasil se encuentran en el mas perfecto estado de paz y armonía (...)*” (LA NACIÓN, 1873). O mesmo artigo, ao fazer campanha para Mitre, defende que o Império o apoiava, porque ele era a garantia de paz entre os países. Destaca, assim, a amizade com o Brasil, as relações que se encontrariam em “brilhante estado” e uma vitória de Mitre como a segurança de uma “solução amistosa, justa e equitativa para a questão de limites” que sabemos ainda se desenrolar naquele contexto. Vejamos o trecho citado:

Es claro que este país vecino y amigo, que tiene un gran interés en conservarse en paz con nosotros, y que desea resolver la cuestion de límites pendiente, no puede ser indiferente al resultado de la lucha electoral, y naturalmente es de suponerse que sus simpatías estén por la candidatura del General Mitre, que significa una garantía de que las relaciones de ambos países se mantendrán en el brillante estado en que hoy se encuentran, y una seguridad de dar solución amistosa, justa y equitativa a la cuestion de límites (LA NACIÓN, 1873).

⁷ A Junta, já dissemos, data de 1893. Entre as outras instituições históricas aqui referidas estão o Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai, em 1843, e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio da Prata, em 1854.

Mais adiante afirma que a oposição, os apoiadores da candidatura de Adolfo Alsina, acusavam Mitre e seus seguidores de traição por terem se vendido ao negociar com o Brasil. A acusação seria a arma eleitoral de um “*representante de una política de odios y guerras eternas*” (LA NACIÓN, 1873)⁸.

Em 1875, as viagens do Imperador Dom Pedro II voltam a ser tema do jornal. Em artigo de 03 de outubro, Dom Pedro aparece mais uma vez como “*hombre ilustrado y que tiene mucho de las calidades del filósofo*” (LA NACIÓN, 1875). Ainda sobre ele: “*Hablando correctamente casi todos los idiomas vivos, gusta conversar como un pensador con los extranjeros que le visitan y es expansivo con ellos*” (LA NACIÓN, 1875). Segue discorrendo sobre as supostas qualidades da monarquia brasileira, baseadas na unidade de território, língua e raça, na homogeneidade e na resistência diante das pressões externas:

Hablando una sola lengua, tiene la unidad de raza, que por su propio aislamiento dentro del perímetro de las fronteras de ocho repúblicas con que linda, tiene un poder de cohesión, que lo hará crecer dentro de sus propios elementos aun en el caso probable de que mas tarde llegase á dividirse políticamente.

(...)

Es una masa, sino homogénea, por lo menos dotada de una fuerza de agregación propia, que resiste á la acción externa, sin dejar por eso de participar de la influencia de atracción á que están subordinadas recíprocamente todas las masas, así en el orden físico como en el orden moral (LA NACIÓN, 1875).

A fim de enaltecer a aproximação entre a Argentina e o Império, o texto ainda atribui à influência das repúblicas vizinhas a emancipação dos escravos (aqui refere-se à Lei do Ventre Livre) e a propagação de ideias republicanas. Neste sentido, aponta a aproximação como providencial e capaz de “*producir mayores bienes en el presente y el futuro*” (LA NACIÓN, 1875). O *La Nación* aproveita para criticar o novo governo, de Avellaneda, dizendo que no passado o Império respeitava a Argentina que crescia e servia de exemplo de civilização e riqueza. Agora respeitava menos, pois a república havia retrocedido. Faz a crítica de que a opinião pública brasileira, que havia sido conquistada, também fora perdida de modo que a aliança e a simpatia mútuas estavam se esvaziando. O próprio Imperador teria perdido o interesse de visitar a região do Rio da Prata, segundo o jornal, temendo uma má recepção na região. O jornal defende, então, que a aproximação deveria se dar de forma mais constante e por vias institucionais para evitar que ficassem a cargo de relações pessoais. Mas, este

⁸ Nicolás Avellaneda se tornou presidente naquele ano (1874-1880). Mitre e Alsina saíram derrotados da disputa.

investimento não ocorria, porque a Argentina havia retomado a política de rivalidades com o Brasil. Neste sentido, diz:

Teniamos un amigo que nos ayudó a resolver difíciles problemas internacionales, y que era el que podía hacernos mas mal y mas bien, y reciprocamente. Estamos empeñados en convertirlo en un enemigo artificial, que al fin puede llegar á serlo por la errada persistencia de una política absurda (...) (LA NACIÓN, 1875).

A ideia de que era preciso manter relações cordiais recíprocas com o Império é retomada em 1880, quando o próprio Mitre escreve sobre a política externa argentina e aponta que seu país e o Brasil tinham muito em comum cultural e historicamente, carregando a responsabilidade da garantia de paz na região. Aqui aparece novamente a frase acima citada: o Brasil seria “*la nación que en el mundo puede hacernos mas bien y mas mal*” (LA NACIÓN, 1880). Deste modo, caminhos diplomáticos deveriam ser utilizados para apaziguar e manter as boas relações.

Saltando para o ano de 1888, encontramos entre os meses de março e setembro importantes referências à emancipação do escravos que também nos servem de indícios nesta reflexão. No dia 17 de março, a abolição é apresentada como um fato inevitável. O jornal afirma que, após sua concretização, a questão maior seria como cuidar do escravo liberto e sugere que o problema seria resolvido pela “generosidade” do brasileiro. Aqui a ideia de democracia, também propagada pelo IHGB, como representante dos interesses do Império, estava claramente presente:

El brasileiro, generoso por naturaleza, y que no profesa la aversión del anglo-sajon hacia el hombre de color, se ha acostumbrado a ver en el negro casi un semejante, y hay al frente de la confederacion abolicionista generosos utopistas, que han asegurado al autor de estas líneas que el negro es el mejor de los trabajadores (LA NACIÓN, 1888).

Defende que medidas neste sentido seriam necessárias a fim de garantir a tranquilidade pública e evitar que os negros libertos se “*conviertan en un peligro para el Brasil*” (LA NACIÓN, 1888). Segue tecendo elogios ao país e ao Imperador que estaria conduzindo o processo de forma pacífica, tornando-o menos difícil e ruidoso do que se esperava. Visão de transição conservadora profundamente enraizada no pensamento da classe dominante e nas instituições brasileiras e que o jornal de Mitre divulgava na Argentina. Após a abolição, em discurso dirigido ao ministro brasileiro em Buenos Aires no dia 19 de maio, Mitre elogia a participação do Visconde do Rio Branco, já então falecido, na abolição a partir da lei de 1871, que o teria imortalizado. Aponta como ponto positivo justamente este pacifismo do processo:

Todas las emancipaciones de esclavos se han operado en medio de grandes crisis ó luchas sangrientas. El Brasil, como la Inglaterra, lo ha hecho pacíficamente, guiado por el instinto sano de conservación y de progreso, obedeciendo á un sentimiento deliberado de sus deberes para con sus semejantes (ARENGAS MITRE, 1902: 91-92).

Em 21 de julho do mesmo ano, em artigo com título ilegível, a abolição já concretizada volta a aparecer. Segundo a publicação, a notícia da assinatura da Lei Áurea no dia 13 de maio teria gerado regozijo público na Argentina. Seria a abolição “*un hecho que honraba a una nacion amiga y á la humanidad, acercándola mas a nosotros en el sentimiento*” (LA NACIÓN, 1888). Aproveita, assim, para exaltar a aproximação que viria sendo favorecida pelo contexto de transformação política e social do próprio Império. A abolição seria um destes fatores de aproximação, contribuindo para romper com rivalidades oriundas ainda do período colonial. O momento, que Mitre reivindicava há tempos, teria chegado:

Los dos pueblos debian necesariamente acercarse, comprenderse y declararse que habian nacido para ser hermanos, para vivir unidos y en paz, haciendo la gloria y el equilibrio de la America del Sud.

Y este momento supremo llegó, y el acto trascendental y fecundo se efectuó al estruendo victorioso de las cadenas rotas que dejaban en libertad á millares de esclavos.

(...)

Este es un acontecimiento nacional-internacional de que la historia del mundo ha podido enorgullecerse muy pocas veces. Sus efectos deben ser seguros aunque lentos, pues abarca la masa inmensa de los pueblos (LA NACIÓN, 1888).

O artigo é finalizado com a ideia de que a América seria um cenário alternativo a Europa, que então disputava territórios, na medida em que integrava-se, rompendo com as rivalidades herdadas de suas metrópoles. Argumento muito presente entre os historiadores da primeira metade do século XX no período entre-guerras.

Para finalizar, por agora, nosso percurso pelos artigos do *La Nación*, destacamos a edição de 07 de setembro de 1888 na qual se comemora o dia da independência brasileira. Retomando o tema da abolição, o texto cita uma fala de Mitre em seu livro *Historia de San Martin y de la emancipacion sud-americana*⁹ para definir o Brasil. O país seria “*una democracia coronada*” (LA NACIÓN, 1888), expressão por ele utilizada em 1872 e depois em 1889, conforme já dissemos. O próprio título do artigo é emblemático: “*La monarquia democrática del Brasil*” (LA NACIÓN, 1888). Para Mitre, seria impossível implementar na América uma monarquia sob moldes antigos ou absolutistas. Neste sentido, a monarquia

⁹ Livro publicado pela primeira vez em 1887.

constitucional brasileira teria sido bem sucedida e construída sobre bases pacíficas e democráticas: “*La revolucion se operó pacíficamente como una transicion entre el antiguo y nuevo régimen, aceptando el Pueblo un rey, y el rey una democracia coronada*” (LA NACIÓN, 1888). Quando Dom Pedro I não foi capaz de corresponder e este “*espíritu nacional y democrático*”, foi retirado pelo povo. Finaliza com uma leitura profundamente idealizada do Brasil condizente com aquela propagada pelo próprio Império no processo de construção da nação. Acrescenta uma interpretação de que, na verdade, por seu caráter democrático, o Brasil seria republicano; de monarquia o regime teria apenas o nome:

Fundóse, entonces sobre la base de la soberanía del pueblo, un imperio democrático, sin privilegios y sin nobleza hereditaria, que no tenía de monárquico sino el nombre, y que subsistió como hecho consentido y un compromiso, pero no como un principio fundamental.

Por esto, el imperio del Brasil no es en realidad sinó una democracia con corona.

(...)

Así, la única excepción aparente, prueba que la América era y es nativamente republicana (LA NACIÓN, 1888).

Pouco mais de um ano depois, a república se concretizou no Brasil. Não faremos aqui uma análise cronológica das relações entre Brasil e Argentina a partir de então. Cabe apenas retomar a política americanista do Barão do Rio Branco, no Itamaraty e no IHGB, e dizer que suas heranças influenciaram amplamente uma geração de historiadores responsáveis pela recuperação do Instituto após os obstáculos enfrentados com a proclamação. A chamada “trindade do Silogeu”, estudada por Lúcia Guimarães (2007), composta por Max Fleiuss, Benjamin Franklin de Ramiz Galvão e Affonso Celso de Assis Figueiredo, sob influência direta do Barão, falecido em 1912, investe, entre outras medidas, na aproximação com instituições históricas das Américas. Com a Argentina, são organizados Congressos de História da América (o primeiro em 1922 no Rio de Janeiro; o segundo em 1937 em Buenos Aires) e projetos de revisões e traduções de textos históricos (a Revisão dos Textos de Ensino de História e Geografia, a partir de 1933; e as Bibliotecas de Autores Brasileiros traduzidos ao Castelhana e de Autores Argentinos traduzidos ao Português, a partir de 1937 e 1938, respectivamente).

A generalidade, a cordialidade, a solidariedade, o idealismo, a americanidade e a veracidade eram os parâmetros que orientavam a Revisão e as Bibliotecas. Em ambos os projetos, seus defensores no Brasil e na Argentina faziam referências às ideias de Mitre. A defesa da aproximação, da amizade e da reciprocidade entre os países estava constantemente presente em suas falas. Só assim, para esta geração que vivia o período entre-guerras europeias,

seria possível construir um futuro de paz para as futuras gerações. Obras de Mitre¹⁰ foram traduzidas pela Biblioteca de Autores Argentinos traduzidos ao Português. No Congresso de História da América de 1937, Max Fleiuss se referiu a Mitre como defensor de uma união que “*se consolide en el presente y se prolongue en el futuro*” (FLEIUSS, 1938: 157). Ricardo Levene, um dos seus principais influenciados na Argentina, presidente da Junta de História e Numismática Americana duas vezes (1927-1931; 1934-1938) e responsável por sua transformação em Academia Nacional de História em 1938, participou em todas estas ocasiões e também utilizou Mitre como argumento de autoridade na defesa dos seus projetos de caráter americanista que partiam de acordos com o Brasil. Para ele, na homenagem já referida a Mitre pelos cinquenta anos de sua morte, suas ideias representavam um legado para os argentinos e os americanos (LEVENE, 1957). Na mesma ocasião, o já citado ex-ministro brasileiro, José Carlos de Macedo Soares, afirma que a admiração por Mitre no Brasil perduraria até o contexto em que falava. Em suas palavras, “*Mitre ha permanecido hasta nuestros días como ejemplo de la inteligencia y de la bravura del pueblo argentino, al que consideramos hermano de nuestro pueblo*” (SOARES, 1957: 61). Assim, toda a América o admiraria. Soares destaca ainda suas estreitas relações intelectuais com o Brasil.

O historiador argentino Enrique de Gandía, ainda nesta mesma homenagem, atribui a Mitre o pioneirismo na ideia de unidade histórica da América ao pensar a história argentina relacionada à americana. Segundo ele, Mitre via causas semelhantes na luta pela independência no Norte e no Sul do continente e, com isto, concluiu que a América teria “*una unidad en su amor a la Libertad*” (GANDÍA, 1957: 295). Argumento que vimos presente em artigo do *La Nación* de 24 de novembro de 1871. Gandía afirma que, para Mitre, a ruptura com as antigas metrópoles teria se dado em razão dos abusos dos reis e das ideias liberais nas Américas, conjugadas com concepções cristãs tomistas de igualdade e liberdade. Haveria uma força espiritual, alimentada pelo liberalismo, que unificaria os americanos no presente e no futuro. Concepções de liberdade e unidade que acreditamos terem inspirado seu olhar sobre o Império brasileiro – para ele, unificado, homogêneo e democrático – e que o levaram a defender a aproximação entre os países vizinhos. Concepções que eram apropriadas por historiadores, políticos e intelectuais na primeira metade do século XX na defesa de projetos de caráter americanista e integracionista que partiam justamente das relações entre Brasil e Argentina.

¹⁰ As *Arengas* e as *Obras Seletas* foram traduzidas na década de 1930.

Para finalizar, permanecemos na homenagem a Mitre já tão referida. Desta vez, focalizamos na fala de Walter Alexander de Azevedo ao analisar a “*amistad histórica*” (AZEVEDO, 1957: 79) entre Mitre e o Visconde do Rio Branco. Azevedo afirma que no *La Nación* Mitre muito se ocupara da figura do Visconde. Ambos, defendendo os interesses diplomáticos dos seus países, teriam acabado por desenvolver uma amizade também de caráter pessoal. O diálogo entre eles teria auxiliado na consolidação de uma ideia de que “*la República Argentina y el Brasil están destinados a ser dos aliados eternos*” (AZEVEDO, 1957: 82). Juntos teriam sido fundamentais, sobretudo em 1872, na construção da paz. Em suas palavras, “*el binomio Bartolomé Mitre-Vizconde de Rio Branco ha de regir por siempre la coexistencia pacífica y fraternal de estas dos grandes naciones (...)*” (AZEVEDO, 1957: 83).

Estas ideias, bem como muitas das direcionadas a Mitre na homenagem póstuma, ilustram o quanto as relações com o Brasil foram fixadas na imagem construída em torno dele. Evidentemente, este era um evento organizado em sua memória por uma instituição por ele criada, mas é neste mesmo espaço que haviam surgido algumas décadas antes os projetos de aproximação com o Brasil pela via da escrita da história. É nele também, e em outros congêneres, que falavam os historiadores que o apropriavam. A Academia, em conjunto com o IHGB e os ministérios das Relações Exteriores de ambos os países, foi palco, portanto, de uma releitura de Mitre que inspirava a aproximação entre Brasil e Argentina. Consideramos, então, que entender seu olhar sobre o Brasil, especialmente nas últimas décadas do Império, além de suas relações com instituições, intelectuais, políticos e diplomatas brasileiros, seja de grande relevância na problematização da apropriação do seu pensamento décadas depois em investimentos oficiais na escrita da história americana. Estas pontes entre diferentes gerações complexificam e adensam análises que, em nossa opinião, são necessárias para se pensar os diálogos entre os países em questão até os dias atuais.

Fontes:

Arengas de Bartolomé Mitre. Tomo III. Buenos Aires: Biblioteca de La Nación, 1902.

Atas do Congresso Internacional de História da América (1937). Tomo I. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 1938.

“Brasil – Correspondencia de La Nación”. *La Nación*, 24 de novembro de 1871.

“Brasil – Situación política y económica”. *La Nación*, 17 de março de 1888.

Carta de Mitre ao Visconde do Rio Branco, 12 de fevereiro de 1875. In: *Cadernos do CHDD*. Brasília: FUNAG, 2005, p. 159-194.

“El odio al Brasil y a los extranjeros”. *La Nación*, 26 de julho de 1873.

“El viaje del Emperador del Brasil”. *La Nación*, 03 de outubro de 1875.

“La monarquia democrática del Brasil”. *La Nación*, 07 de setembro de 1888.

La Nación, 21 de julho de 1888.

MITRE, Bartolomé. “Política exterior: Retrospecto de actualidad y perspectivas”. *La Nación*, 04 de novembro de 1880.

SOARES, José Carlos de Macedo. “Bartolomé Mitre en el Instituto Historico y Geografico Brasileño y la Academia Brasileña de Letras”; CALMON, Pedro. “Mitre y el Brasil”; AZEVEDO, Walter Alexander de. “Uma amizade histórica: D. Bartolome Mitre-Vizconde de Rio Branco”; LEVENE, Ricardo. “Mitre en la historia de las ideas argentinas”; GANDÍA, Enrique de. “Mitre y la unidad de la historia de America”. In: *Mitre. Homenaje de la Academia Nacional de la Historia en el cincuentenario de su muerte (1906-1956)*. Buenos Aires: ANH, 1957, p. 57-61; p. 63-67; p. 79-83; p. 239-253; p. 291-298.

Referências Bibliográficas:

BIDABEHERE, Fernando Arturo. *Mitre Diplomático*. Buenos Aires: s/n, 1967.

COSTA, Wilma Peres. “A independência na historiografia brasileira”. In: JANCSÓ, Istvan (Org.). *Independência: história e historiografia*. SP: FAPESP/HUCITEC, 2005, p. 53-118.

DE MARCO, Miguel Ángel. *Bartolomé Mitre. Biografía*. Buenos Aires: Emecé, 2004.

DONGHI, Tulio Halperin. “Mitre y la formulación de una historia nacional para la Argentina”. *Anuario del IEHS*, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 11, Tandil, 1996, p. 57-69.

_____. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Prometeo, 2005.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra. Nova história da Guerra do Paraguai*. SP: Companhia das Letras, 2002.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Da Escola Palatina ao Silogeu: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938)*. RJ: Museu da República, 2007.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a proposta de uma história nacional. *Revista Estudos Históricas*, RJ, v. 1, n. 1, 1988, p. 5-27.

SÁBATO, Hilda. “Prólogo – Disputas políticas por la construcción de la república (1850-1880)”. In: TITTO, Ricardo de. (Comp.) *El pensamiento de Bartolomé Mitre y los liberales*. Buenos Aires: El Ateneo, 2009, p. 9-26.

SALLES, Ricardo. *Nostalgia imperial: escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. RJ: Ponteio, 2013.